

*Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros: Sganzerla e o Bandido da Luz Vermelha* aborda a linguagem cinematográfica de Rogério Sganzerla - um dos principais cineastas do Cinema Marginal, movimento surgido no Brasil no final da década de 60. Tal estudo é feito sobre sua obra mais emblemática: “O bandido da luz vermelha”, filme de 1968. A análise se dá considerando dois procedimentos metodológicos. O primeiro é a arqueologia (Foucault), responsável pela identificação das teorias de Sganzerla sobre o audiovisual (dispersas entre entrevistas, produções audiovisuais, artigos e manifestos). A partir desse material e através do segundo procedimento metodológico – a semiótica de Charles Peirce - este recorte da produção fílmica brasileira que se encontra dispersa é sistematizado em diagramas semióticos que indicam formalmente os termos de uma teoria sobre o audiovisual insinuada pelo diretor de “O bandido da luz vermelha”. Como conclusão, esses diagramas revelam procedimentos estéticos próprios do Cinema Marginal de Rogério Sganzerla (e que se encontram explicitados no filme que é objeto desta análise) como a agressão através da abjeção, a fragmentação da narrativa, a ironia, o avacalho e a intertextualidade. Esta última é característica especial de “O bandido da luz vermelha”. No cinema concebido como intertextualidade, a narrativa fragmentada se apropria ironicamente de aspectos do cinema tradicional. Há cenas que são quase inteiramente reproduzidas e re-significadas através do avacalho, como o suicídio do bandido que, em meio ao lixo da periferia da cidade, envolve seu pescoço em um emaranhado de fios elétricos, tal como ocorreu com a morte de Ferdinand em “Pierrot le fou”, de Godard, que tira sua vida em uma bela colina de uma ilha do Mediterrâneo, com bananas de dinamite amarradas ao pescoço. Aqui, a estratégia antropofágica se faz presente como um dos vetores que caracterizam o cinema brasileiro na perspectiva de Rogério Sganzerla. Este estudo se vincula à pesquisa *Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros sobre o audiovisual: arqueologia, semiótica e desconstrução*.